

**A PRÁTICA EDUCATIVA DE  
MALBA TAHAN,  
MENINO DE QUELUZ, HOMEM DOS  
NÚMEROS E DAS LETRAS**

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Juraci Conceição de Faria  
Doutora em Educação Matemática pela Universidade  
Estadual de Campinas, Mestre em Educação pela  
Universidade Metodista de São Paulo, graduação em  
Matemática pela Faculdade Salesiana de Filosofia,  
Ciências e Letras de Lorena. Diretora de Pesquisa e  
Comunicação do Instituto Malba Tahan.  
e-mail: juracifaria3011@gmail.com



## RESUMO

Nesta pesquisa, buscamos investigar a prática de ensinar matemática de Júlio César de Mello e Souza, mais conhecido como Malba Tahan, pseudônimo que o Prof<sup>o</sup> Mello Souza adotou em 1925 ao iniciar a carreira de escritor. Para isso, examinamos as recordações do irmão mais velho, o historiador João Baptista de Mello e Souza, em *Meninos de Queluz* e *Histórias do Rio Paraíba*, bem como depoimentos de Malba Tahan em sua obra autobiográfica *Acordaram-me de madrugada: memórias de um ex-aluno do Colégio Pedro II*. Nota-se a influência da mãe e preceptora - Prof<sup>a</sup> Carolina de Mello e Souza, não só na opção do filho pela carreira no magistério bem como no seu entusiasmo pela arte de ensinar matemática e de contar histórias. Em 1961, Malba Tahan publica *Didática da Matemática*, um compêndio de propostas de ensino que se contrapõem às práticas de professores de matemática da época, mas que revelam plena sintonia com as propostas da Educação Matemática: laboratório de ensino, história da matemática, resolução de problemas, jogos, brincadeiras e recreações matemáticas. Ressalta-se que ao publicar *O Homem que Calculava*, Malba Tahan rompe barreiras disciplinares vigentes na década de 30, utiliza a resolução de problemas para criar o diálogo da matemática com a literatura e outras áreas do saber. À luz do aporte teórico de história e memória, analisaremos a prática educativa deste professor de matemática que tem se consagrado no cenário educacional como homem dos números e das letras.

**Palavras-chave:** Malba Tahan; prática de ensinar matemática; história da educação matemática; memórias.

**ABSTRACT:** In this research, we seek to investigate the practice of teaching mathematics by Júlio César de Mello e Souza, better known as Malba Tahan, a pseudonym that Professor Mello Souza adopted in 1925 when he began his career as a writer. To do so, we examined the memories of his older brother, historian João Baptista de Mello e Souza, in *Meninos de Queluz* and *Histórias do Rio Paraíba*, as well as statements by Malba Tahan in her autobiographical work *Acordaram-me de madrugada: memórias de um ex-alumno do Colégio Pedro II*. The influence of his mother and tutor - Professor Carolina de Mello e Souza - is noticeable, not only in her son's choice of a career in teaching but also in his enthusiasm for the art of teaching mathematics and storytelling. In 1961, Malba Tahan published *Didactics of Mathematics*, a compendium of teaching proposals that contrasted with the practices of mathematics teachers at the time, but which were fully in tune with the proposals of Mathematics Education: teaching laboratory, history of

mathematics, problem-solving, games, play and mathematical recreation. It is worth noting that by publishing *The Man Who Calculated*, Malba Tahan broke down disciplinary barriers that existed in the 1930s, using problem-solving to create a dialogue between mathematics and literature and other areas of knowledge. In light of the theoretical contribution of history and memory, we will analyze the educational practice of this mathematics teacher who has established himself in the educational scene as a man of numbers and letters.

**Keywords:** Malba Tahan; practice of teaching mathematics; history of mathematics education; memoirs.

## INTRODUÇÃO

Nos percursos de nossa pesquisa de doutorado intitulada Malba Tahan e a Formação de Professores de Matemática na CADES: história e memória<sup>1</sup> temos tido a oportunidade de analisar um material inédito do educador, conservado em seu “Archivo Pessoal” e também em seus “Cadernos de Viagens”<sup>2</sup>, bem como a de colecionar histórias e memórias de ex-alunos de Malba Tahan na CADES<sup>3</sup>, durante o período em que ministrou os cursos de Didática Especial e de Didática da Matemática em diversos estados brasileiros.

Destes estudos decorrem questões norteadoras que neste artigo buscamos investigar: quem foi e como se constituía a prática de ensinar matemática de Júlio César de Mello e Souza, mais conhecido como Malba Tahan?

Diante de tais questões, as memórias do irmão mais velho, o historiador João Baptista de Mello e Souza, em Meninos de Queluz e Histórias do Rio Paraíba, bem como o depoimento de Malba Tahan em uma entrevista ao Museu da Imagem e do Som – MIS e em sua obra autobiográfica Acor-daram-me de madrugada: memórias de um ex-aluno do Colégio Pedro II, levaram-me a tecer um perfil de Malba Tahan, menino de Queluz e homem dos números e das letras.

A fim de delinear a prática de ensinar matemática de Malba Tahan, evidenciamos uma de suas obras de cunho pedagógico, Didática da Matemática, compêndio em 2 volumes, publicada no início dos anos de 1960 e que explicita muito mais que a experiência de um educador com mais de 40 anos de magistério, mas a de um professor/autor que registra nesta obra, práticas de ensinar matemática incomuns às práticas de professores do referido período e demonstram plena sintonia com a Educação Matemática hoje: história da matemática, laboratório de ensino, resoluções de problemas, jogos, brincadeiras e recreações matemáticas.

1 Pesquisa realizada sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ângela Miorim com o apoio da CAPES.

2 O Acervo Malba Tahan que desde 1985 havia sido doado à Prefeitura Municipal de Queluz encontra-se desde 6 de maio de 2010 no Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP. na FE-UNICAMP, instituição que em acordo com a Prefeitura Municipal de Queluz, o Instituto Malba Tahan e familiares de Malba Tahan, deverá zelar e promover estudos e pesquisas sobre a vida e obra do educador.

3 A CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, órgão criado pelo MEC em 1956, tinha por objetivo melhorar e expandir o ensino secundário, organizar cursos de atualização dos professores em todas as unidades federadas e elevar o nível técnico - administrativo do ensino secundário em todo o País.

## DAS MEMÓRIAS DOS MENINOS DE QUELUZ, UM PERFIL DE MALBA TAHAN

No Acervo Histórico de Queluz, encontra-se o registro em cartório do “Collégio João de Deus”, fundado por João de Deus de Mello e Souza em 1.882, em regime de internato, destinado aos filhos dos fazendeiros de café do Vale do Paraíba. Tendo sido uma das primeiras escolas do município, a instituição de ensino privada não teve uma longa história. Em decorrência da crise do café, da abolição da escravatura e da ruína dos lavradores do Vale do Paraíba, seu diretor sentenciou o fim de seu apogeu em 1.890.

Ao recorrer à obra *Meninos de Queluz*, o historiador João Baptista de Mello e Souza relata que seu pai, o diretor do “Collégio João de Deus”, a esposa - professora Carolina Carlos de Toledo<sup>4</sup> e os filhos João Baptista, Maria Antonieta e Laura partem para o Rio de Janeiro, pois o patriarca da família havia sido nomeado terceiro oficial da Secretaria da Justiça. Entretanto, pouco mais de três anos perdurou a permanência dos Mello e Souza na antiga capital do Brasil e, neste período, nasceram Julieta, Júlio César e Nelson. Para evitar uma crise maior no orçamento doméstico, a professora Carolina requereu sua reintegração no magistério oficial do estado de São Paulo e retornou à Queluz com os filhos, reinstalando, na sala de visitas da nova residência dos Mello e Souza, a “Escola Pública da Prof<sup>a</sup> Carolina”. Todos os meses, João de Deus de Mello e Souza passava alguns dias com a família. Em Queluz, no limiar do novo século, nasceram os filhos Rubens, Olga e José Carlos.

Júlio César de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro em 6 de maio de 1.895, mas viveu a infância e parte de sua juventude em Queluz. Em sua obra *Acordaram-me de Madrugada: memórias de um ex-aluno do Colégio Pedro II* recorda-se que em Queluz a única “preocupação” que ele tinha era brincar. Vivendo num município entrecortado pelo Rio Paraíba, nadar, pescar e “coleccionar sapos” eram atividades comuns aos meninos de seu tempo:

Pescarias? Sim, eu me lembro. Além da pega ao sapo, na beira do Rio Paraíba, era a pescaria no rio, e nos ribeirões, o meu passa-tempo predileto. Adorava a faina no anzol. (...) Estudava as iscas mais indicadas. Pescaria de lambaris, bagres e mandis na Ponte Verde. (...) Com dourados também. Dourados de quilo e meio. Que beleza! (Tahan, 1973, p. 122)

Em Queluz, o menino Júlio também aprendeu as primeiras letras: “Nós, pequenos, estudávamos em casa, pois, vivendo numa escola, ali tínhamos livros, quadros, murais, mapas, tudo o que nos era mister, inclusive a professora” (Souza, 1948, p. 22). Entretanto, como as escolas públicas

4 A Prof<sup>a</sup> Carolina solicita exoneração à Diretoria Geral de Ensino do Estado de São Paulo (Souza, 1949, 17).

do início do século 20 eram destinadas exclusivamente aos meninos ou às meninas, oficialmente “iniciou seu curso primário na Escola Pública do Prof. Leal e concluiu na Escola do Prof. Veiga” (Tahan, 1973: 307). Mas em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som (apud Faria, 2004) há evidência de que sua mãe também contribuiu em sua formação primária: “Lá em Queluz eu fui aluno de escolas primárias e fui também aluno de minha mãe”. Digno de nota é o trabalho incansável de sua mãe e professora:

Mamãe dirigia nossos estudos com extraordinária dedicação, sem descurar dos afazeres domésticos; tinha sempre uma palavra de elogio para nossos trabalhos, e outra, de indulgência, para nossos erros e omissões. Nenhum de seus filhos teve, nessa fase dos respectivos cursos, outra preceptora senão ela. Até um pouco de francês nos ensinou, a título de iniciação, para que nos familiarizássemos com o primeiro idioma que deveríamos aprender nas aulas secundárias. (Souza, 1948, p. 39)

Outro fato a ser considerado é a participação de quase todos os filhos da Prof<sup>a</sup> Carolina na regência de atividades extra-classe de sua escola: Julieta confeccionava álbuns de música; Antonieta recitava quadrinhas e poemas; Laura tomava a lição da cartilha; João Baptista e Júlio liam histórias dos livros de Figueiredo Pimentel, de Andersen, dos irmãos Grimm; Rubens ilustrava as histórias com seus desenhos; Nelson regia o conjunto musical das alunas; só Olga e José Carlos, pequenos ainda, não cooperavam (Souza, 1948, 88).

Criar e contar histórias eram tarefas exclusivas do Júlio. Foi em Queluz que o menino iniciou a singular arte de criar e de contar histórias? Foi em Queluz que iniciou o ofício de ensinar?

- Júlio! Venha contar a história hoje!

(...)E lá foi o Júlio, recebido por uma algazarra infernal pelas pequenas, já industriadas para estimulá-lo com uma “bruta manifestação”.

(...) Ao cabo de um quarto de hora estava contada e comentada a notável história da “PEQUENA LUZ AZUL” que passou a figurar no repertório do orador. E assim foi adquirindo os recursos que, mais tarde, aperfeiçoados, lhe forneceram o assunto de uma dezena de livros. (Souza, 1948, pp. 87-90)

Deste relato podemos inferir que as primeiras histórias do futuro escritor foram “arquitetadas” enquanto auxiliava a mãe. E seus primeiros ensaios de escritor e redator ocorreram também em Queluz, ao criar e confeccionar, entre os anos de 1907 e 1908, o pequeno jornal denominado ERRE, uma prática comum ao meio estudantil daquele período, que supostamente fazia concorrência aos jornais o MEZ e o ABC, de seus irmãos Rubens e Nelson (Siqueira Filho, 2008, pp. 150-151). Dos estudos efetuados na coleção destes pequenos jornais, confeccionados em brochura, ilustrados e

escritos à mão, nota-se curiosa identificação com o homem dos números e das letras, que um dia se notabilizaria por outro artifício literário inspirado no Oriente, mas que leva-nos a considerar que esse locus de sabedoria, prosperidade e riqueza já inspirava o pequeno escritor na escolha de seu primeiro pseudônimo – Salomão IV, “redactor do ERRE” de Nº 14 ao nº 25, que subitamente tomou o lugar do próprio “Julio Cezar de Mello e Souza”, responsável pela assinatura dos exemplares de Nº 1 ao Nº 13.

Embora Queluz significasse para os Mello e Souza “a vida ao ar livre, os folguedos do campo, a liberdade!” (Souza, 1948, p. 20), os estudos e a formação profissional encaminharam os moços ao Rio de Janeiro e, as moças, a São Paulo. João Baptista ingressa no “Internato do Gymnasio Nacional”; Maria Antonietta, Laura e Julieta optam pela formação da Escola Normal em São Paulo; Júlio César ingressa em 1906 no Colégio Militar e, em 1908, transfere-se para o Colégio Pedro II<sup>5</sup>; os caçulas Rubens, Nelson e José Carlos também finalizaram os estudos no Colégio Pedro II. A exemplo dos pais, quase todos os irmãos Mello e Souza optaram pela carreira do magistério, exceto o Rubens, que seguiu carreira militar (Souza, 1948, p. 99).

Em Meninos de Queluz, o primogênito dos Mello e Souza declara sua gratidão ao internato do Colégio Pedro II, um marco na vida dos “filhos da professora”:

Sou grato ao tradicional instituto (...) porque ali me foi generosamente concedido, bem como aos meus irmãos, tudo aquilo de que tanto carecíamos: um teto para nosso abrigo na fase dos estudos, bons mestres para nossa formação intelectual, um prato para nosso alimento e uma cama para nossos sonhos juvenis. (Souza, 1948, p. 44)

A única obra autobiográfica de Malba Tahan *Acordaram-me de Madrugada: memórias de um ex-aluno do Colégio Pedro II* revela os bastidores deste consagrado colégio sob a ótica de um ex-aluno e ex-professor que tinha por dom, a arte de contar histórias e, por ofício, a arte do ensino e da escrita. Do fio de suas memórias, tece episódios de sua vida de estudante no internato do colégio de São Cristóvão, de seus colegas de turma, de seus bons e maus professores, de suas brincadeiras e peraltices, como se estas lembranças estivessem ocorrendo no momento em que estavam sendo narradas. Uma das mais célebres, a de como vendia redações aos colegas com o intuito de obter alguns tostões de réis para ostentar certos luxos que a renda de que seus pais dispunham não lhe permitia sustentar:

---

5 No depoimento Museu da Imagem e do Som (apud Faria, 2004, p. 197), Malba Tahan justifica esta transferência ao fato de que o Colégio Militar era muito caro; ao ter sido agraciado com uma semi-gratuidade no Colégio Pedro II, desistiu da carreira militar e ingressou no curso de humanidades.

Confesso que durante algumas semanas, vendendo redações (...) consegui viver com certa opulência no Internato. (...) Ganhava o suficiente para as minhas despesas; tornei-me perdulário e cheguei a dar ao Cearense, um número do Malho, duas penas Mallat e um vidrinho de goma arábica de presente. Ao Emanuel ofereci um bloco de papel quadriculado e três lápis coloridos. Comprava o Tico-Tico e pagava o bonde de Cascadura (duzentos réis), com chocolate Beringer e tudo, para os dois colegas (Aristeu e Aristides) que moravam no Méier. E aos sábados mandava para minha mãe, em Queluz, um cartão postal colorido com a vista do Pão de Açúcar! Vida de milionário! (Tahan, 1973, p. 215)

Entretanto, esta fartura não perdurou por muito tempo! Quando o Profº Silva Ramos aboliu as “clássicas e infalíveis redações”, o jovem “perdulário” vê a ruína de sua vida financeira: “perdi o meu ganha-pão, o meu ganha-bonde, o meu ganha-chocolate e o meu ganha Tico-Tico. Perdi tudo. Por total imprudência, não tendo economizado meio tostão (...) voltei novamente à estaca zero da extrema penúria” (Tahan, 1973, p. 217).



Em 1913, ainda enquanto aluno do Colégio Pedro II, havia conseguido ganhar uns “contos de réis” com trabalho digno: inicialmente, como carregador de livros no terceiro armazém da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e depois como professor de turmas suplementares no Externato do Colégio Pedro II” (Depoimento de Malba Tahan ao MIS, apud Faria, 2004, p. 30).

Em 1918, exercia o cargo de secretário do jornal *O Imparcial* e, como já gostasse de escrever, propôs ao diretor Leônidas Rezende que publicasse seus primeiros contos. Após algumas tentativas frustradas de seu trabalho vir a ser publicado, retira-o da mesa do diretor, e substitui seu próprio nome por R. V. Slady, sua segunda mistificação literária. No dia seguinte, seu conto estava publicado na primeira página do referido jornal (Depoimento de Malba Tahan ao MIS, apud Faria, 2004, p. 30).

Entre os anos de 1918 e 1925<sup>6</sup>, o jovem escritor prepara sua tercei-

6 Neste mesmo ano, contrai matrimônio com sua aluna, Nair da Costa Marques.

ra mistificação literária, Malba Tahan: “Preparei a mistificação sobre este pseudônimo durante sete anos. Estudei o Islã, li o Alcorão e o Talmude e cheguei a tomar aulas particulares de árabe com o Dr. Jean Achar”. Eu precisei escolher um pseudônimo. Malba é o nome de um oásis e Tahan significa moleiro, aquele que prepara o trigo” (Depoimento de Malba Tahan ao MIS, apud Faria, 2004, p.33). A melhor prova de que Júlio César de Mello e Souza foi um magnífico criador de enredos é a própria biografia de Malba Tahan, publicada pelo Profº Mello e Souza em 1925, com o intuito de enganar seu público leitor.

Para que essa mistificação literária parecesse ainda mais perfeita aos leitores, criou também um tradutor para as obras do escritor Malba Tahan, o Profº Breno de Alencar Blanco. Entretanto, oito anos depois do lançamento do primeiro livro de Malba Tahan, a Profª Rosalina Coelho Lisboa desvenda a farsa literária do professor de matemática do Colégio Pedro II, já consagrado por outras obras de cunho didático. Júlio César de Mello e Souza assume a identidade de Malba Tahan.

Mas, eu na minha vida de magistério, eu fui professor do Pedro II, professor de colégios particulares, professor de colégios religiosos, professor da escola técnica, fui professor durante 4 anos do Loyd Brasileiro. Eu fui professor durante 4 anos da Escola Álvares de Azevedo, durante 5 anos lecionei para menores delinqüentes. (...) Eu lecionei 40 anos no Instituto de Educação, como professor. Mas não lecionei apenas Matemática. Lecionei Matemática, A Arte de Contar História, Literatura Infantil e Folclore. (Depoimento de Malba Tahan ao MIS, apud Faria, 2004, p. 202)

Além de sua longa carreira no magistério, Malba Tahan também foi colaborador de jornais como O Imparcial, O Jornal, O Cruzeiro, A Noite, O Tico-Tico, Correio da Manhã, Última Hora, para citar alguns, e o responsável pela publicação de três revistas: Damião, Lilavati e Alkwarizmi.

As obras de Malba Tahan, um legado de mais de cem títulos, continuam a ser reeditadas no Brasil e no exterior. Sua obra mais famosa, O Homem que Calculava ganhou o 1º Lugar nos Concursos Literários de 1939 da Academia Brasileira de Letras e continua “salva das vassouradas do tempo”, assim como profetizou Monteiro Lobato em carta à Malba Tahan (14/1/1939).

Em 18 de junho de 1974, aos 79 anos, o cidadão queluzense<sup>7</sup> Júlio César de Mello e Souza, mais conhecido por Malba Tahan falece no Recife e é sepultado no Rio de Janeiro.

---

A quantia necessária para a publicação de Contos de Malba Tahan conseguiu através de empréstimo concedido por sua sogra.

7 Título outorgado pela Prefeitura Municipal de Queluz em 1965.

## DE UMA OBRA DO HOMEM DOS NÚMEROS E DAS LETRAS, A PRÁTICA EDUCATIVA DE MALBA TAHAN

A 1ª edição da Didática da Matemática, datada de 1961, demonstra que a obra foi publicada no período em que Malba Tahan foi designado pelo MEC como orientador e professor de Didática Geral e Didática Específica de Matemática nos cursos das CADES. A obra apresenta-se em dois volumes. O 1º volume, um compêndio de 16 capítulos<sup>8</sup>, pode ser subdividido em três grupos temáticos: discussão filosófica sobre a matemática (I, II, III, IV, IX e X), algebrismo (V, VI, VII, VIII) e procedimentos didáticos (XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI). O 2º volume, que abarca os capítulos XVII ao XXVI, trata exclusivamente de procedimentos didáticos<sup>9</sup>.

Esta obra, evidentemente congrega a experiência de 40 anos de magistério do Profº Mello e Souza e resulta de uma síntese filosófica de sua ação educativa como professor de matemática e de seu pensamento para a formação da nova geração de professores de matemática no Brasil. Tal argumento ancora-se no fato de que tais conteúdos encontram-se presentes nas apostilas por ele elaboradas para os cursos da CADES e também nos artigos de sua autoria publicados na Revista Ensino Secundário. Sobre os artigos da referida revista, Backes & Gaertner (2007, p.27) fazem um inventário das obras publicadas neste periódico, relacionam especificamente os artigos relativos à Educação Matemática das dezenove edições da Revista Escola Secundária<sup>10</sup> (1957-1965), e tributam a Malba Tahan a relevante contribuição proferida à CADES durante o período de circulação da revista

8 I- A Matemática: seu conceito e sua importância; II- A Matemática e as outras ciências; III- A Matemática e a Vida; IV- Origem da palavra Matemática; V- O algebrista e o algebrismo; VI- O algebrismo e a rotina deformadora – erros dos algebristas; VII- A obsessão algebrista no curso secundário – O algebrismo em Portugal e no Brasil; VIII- O algebrismo e os programas de Matemática – Como combater o algebrismo; IX- Finalidades da Matemática no curso secundário; X- Valores da Matemática no Curso secundário; XI- Procedimentos didáticos – Fatores que interferem na aprendizagem de Matemática; XII- Métodos clássicos – Método da preleção em Matemática – Suas modalidades; XIII- Método da aula ditada em Matemática; XIV- Método da leitura em classe; XV- O método da lição marcada; XVI- O método heurístico em Matemática.

9 XVII- O Estudo Dirigido em Matemática; XVIII- O Método do Laboratório em Matemática; XIX- A Preleção Mista em Matemática; XX- O Método Eclético Comum em Matemática; XXI- O Método Eclético Moderno em Matemática - O Caderno Dirigido; XXII- O Jogo – O Jogo e a Criança – As Teorias do Jogo; XXIII- Funções Secundárias do Jogo de Classe – O jogo e o trabalho – Objetivos morais ou jogo de classe – O jogo de classe e suas finalidades didáticas; XXIV- O Jogo de Classe em Matemática; XXV- A Metodologia do Jogo de Classe em Matemática; XXVI- Recreações Matemáticas.

10 De autoria de Malba Tahan: Voltemos ao Mercador de Vinho (Nº 2, Set/1957); A Definição da Matemática (Nº 4, Mar/1958), A Suposta Aridez da Matemática (Nº 9, Jun/1959); Círculo e Circunferência em co-autoria com Pedro Pinto (Nº 12, Mar/1960); O Medo da Matemática (Nº 14, Set/1960); O Método do Laboratório em Matemática (Nº 19, s/d).

do MEC (1953-1971):

Vários artigos são de autoria de professores de escolas secundárias relatando experiências realizadas na sala de aula ou apresentando propostas de ensino de tópicos da área, sendo um dos mais expressivos colaboradores, Júlio César de Mello e Souza, emérito professor de matemática que ficou conhecido pelas dezenas de obras publicadas com o pseudônimo de Malba Tahan. Ele foi professor de cursos da CADES durante oito anos e suas aulas e obras foram muito significativas na formação e atuação de professores de matemática da época.

Como anuncia Lorenzato (1995, p. 97), ex-aluno de Malba Tahan na CADES, São Carlos/1958, “Malba Tahan ensinava Matemática com arte, conhecimento e sabedoria, propunha novas alternativas para melhorar o ensino-aprendizagem de Matemática” e suas propostas de ensino não só definiram sua carreira acadêmica como influenciaram significativamente sua opção de pesquisa pela metodologia de ensino de matemática.

Entre as práticas de ensino anunciadas na Didática da Matemática de Malba Tahan, elegemos apenas quatro para o presente estudo: história da matemática; o laboratório de ensino de matemática; resolução de problemas; jogos, brincadeiras e recreações matemáticas.

Embora Malba Tahan não tenha dedicado um capítulo específico sobre História da Matemática, epígrafes, citações e notas de rodapé se entrelaçam e compõem cada um dos capítulos dos dois volumes de Didática da Matemática. Os conteúdos abordados são arquitetados a partir do pensamento e das contribuições de filósofos, matemáticos e educadores do passado e do seu tempo: Leonard Euler, Pierre Fermat, Moivre, William Hamilton, Leibniz, Bertrand Russell, Jácomo Stávale, Félix Klein, Dante Alighieri, Claparède, Poincaré, Polya, Benjamin Constant, Ary Quintella, Euclides Roxo, Cecil Thiré, Omar Catunda, Bento de Jesus Caraça, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e outros.



Miorim e Miguel (2004, p.204) enfatizam que, entre os autores brasileiros, Malba Tahan, Cécil Thirè e Euclides Roxo se alinham à posição de vários outros autores que defendiam que a história exerceria um papel motivador no processo de ensino-aprendizagem de matemática. Para Malba Tahan, sua maior justificativa para o uso da história nas aulas de matemática estava ancorada ao fato de que “uma anedota histórica, uma curiosidade geométrica, uma disposição numérica imprevista, citadas em momento oportuno pelo professor de Matemática, tornam o ensino gracioso e leve; atraem, para a Ciência, a simpatia do estudante” (Tahan, 1962, pp. 209-210).

Ao propor o método do laboratório de ensino em matemática, Malba Tahan (1962: 61-84) defende que esta prática de ensinar matemática “propicia maior eficiência da aprendizagem, motiva os alunos por meio de experiências e orienta-os para pesquisas mais abstratas”. O autor apresenta 68 sugestões de como deve ser o laboratório de matemática e apresenta 7 sugestões para eficácia desta prática educativa. Além disso, propõe 5 atividades que o professor pode promover para dar mais vida ao ensino, entre elas a fundação de um Clube de Matemática, a publicação mensal de um Boletim, conferências sobre recreações matemáticas, o diálogo da Matemática com outras disciplinas e a publicação anual de um trabalho elaborado pelo professor e seu assistente de laboratório (Tahan, 1962, pp. 75-76).

Neste capítulo, Malba Tahan reporta-se à História da Educação Ma-

temática e afirma que a idéia de aplicar o Método do Laboratório já é bem antiga e que as primeiras tentativas ocorreram na França, em 1877, com Edouard Lagout; no Brasil, o Prof<sup>o</sup> Euclides Roxo já chamava a atenção dos colegas para o método do laboratório de ensino, embora não o aplicasse em sua cátedra no Colégio Pedro II. De uma tese apresentada no I Congresso Nacional do Ensino da Matemática, o autor destaca a importância deste método em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, bem como apresenta alguns materiais didáticos para um laboratório moderno. Também tece sugestões para o uso do laboratório nas aulas de Geometria Descritiva e para o emprego de recursos audiovisuais como gravuras de livros, fotografias, dispositivos, slides, gráficos, esquemas, quadros sinóticos ou estatísticos, que podem ser confeccionados pelo professor e seus auxiliares para complementar as aulas. Exalta que o mesmo “torna o ensino vivo, eficiente e agradável” e exorta que o laboratório de matemática não pode ser aplicado a todos os pontos do programa, só pode ser proporcionado a classes não numerosas e, ainda apresenta as vantagens e desvantagens que este método pode propiciar. Enfatiza que os inimigos mais ferrenhos do laboratório de ensino de matemática são “a rotina, o desinteresse do professor, a falta de recursos do colégio e o desinteresse do diretor” (Tahan, 1962, pp. 81-82). Um fato curioso é o do Prof<sup>o</sup> Pereira Caldas, que havia organizado um pequeno laboratório de matemática no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e, quando, por determinação do diretor, este espaço foi transformado em sala de aula, educadores brasileiros contestaram tal decisão, justificando que “a supressão desse laboratório foi um passo negativo no ensino da matemática no Brasil” (Tahan, 1962, p. 83).

Segundo Faria (2004, p. 114) o mote inicial de Malba Tahan para a metodologia da resolução de problemas no ensino de matemática situa-se em sua obra-prima: *O Homem que Calculava*. Nela, o escritor/professor de matemática conta a história de Beremiz Samir, um árabe que usa a matemática para resolver qualquer problema. Incontáveis problemas vão surgindo ao longo de sua viagem a Bagdá. Graças a um raciocínio excepcional, o homem que calculava propõe soluções criativas para os mesmos, conseguindo assim captar a simpatia de seus companheiros, a estima do rei, e, mais do que isso, o amor de sua eleita.

Esta trama, envolvendo Matemática, Literatura e vários domínios do conhecimento humano, até hoje desperta o interesse e a curiosidade dos leitores do Brasil e de diversos países em que tem sido publicada, e este sucesso, após oito décadas de sua 1<sup>a</sup> edição, deve-se ao fato dessa obra ter sido escrita sob “o rigor erudito de Malba Tahan: os domínios da educação, da matemática, da cultura e filosofia orientais (especialmente do mundo árabe) e o da narrativa tradicional”, segundo afirma Regina Machado<sup>11</sup>.

---

11 MACHADO, R. Malba Tahan. s.c.p. s/d. mimeo. p. 2.



Com o mesmo rigor de *O Homem que Calculava*, Malba Tahan traz à luz de sua *Didática da Matemática*, a metodologia da resolução de problemas. Este método, assim como o da história da matemática, não está explanado num único capítulo, entretanto, Malba Tahan aborda esta metodologia no desenvolvimento de seis capítulos da referida obra<sup>12</sup>. O faz tanto para discutir o ensino de conteúdos de matemática quanto para explorar contra-exemplos de problemas que o professor de matemática deve evitar, se julgá-los “banais”, “artificiais”, “irrisórios”, “amorais”, “deseducativos”, “irreais”, “disparatados” ou, ainda, “sem o menor sentido prático,” como o seguinte exemplo: “Uma pessoa caminhou 5 miriômetros, 8 decâmetros, 3 metros e 17 milímetros em 3 dias. Que distância em metros percorreu por dia”? Além das críticas a outros exemplos, também apresenta um número expressivo de situação-problema que o professor pode utilizar em sala de aula para deixar o ensino de matemática mais interessante, entre os quais destaca os produtos curiosos, os malabarismos numéricos, os quadrados mágicos, as curiosidades aritméticas, entre outros.

Malba Tahan faz uso das advertências de Faria de Vasconcelos para orientar a escolha de problemas; é importante ressaltar que as mesmas advertências demonstram afinidades com as propostas mais atuais defendidas por Polya<sup>13</sup> (1980) e Dante (2009):

- a) os dados do problema devem ser familiares, próprios da experiência da criança, isto é, devem constituir uma situação em que a criança possa facilmente imaginar-se encontrar-se nela;

12 Capítulos V, VI, XVI, XVII, XXV e XXVI.

13 Citado na bibliografia com a obra *Comment, perer et recondre um problème* (Paris, 1957, Dumond).

- b) o caráter principal do problema deve consistir em haver uma razão para resolvê-lo, isto é, se a criança estiver na situação descrita no problema, sentirá uma necessidade real de encontrar a solução que o problema reclama;
- c) o vocabulário e a estrutura da redação do problema devem encontrar-se dentro da capacidade de leitura da criança. (apud Tahan, 1961, pp. 94-95)

Outras práticas de ensinar matemática merecem destaque nesta obra, em especial, os jogos, as brincadeiras e as recreações matemáticas que ocupam 80 páginas dos 5 capítulos<sup>14</sup> de Didática da Matemática. Malba Tahan justifica sua predileção por este método alegando que “dentro da moderna orientação do ensino, cumpre ao professor conhecer algumas recreações matemáticas, pois terá, muitas vezes, necessidade de aproveitá-las para motivar seus alunos e tornar mais agradável e interessante a aprendizagem da Ciência” (Tahan, 1962: 210 -229). Para isto, apresenta desde as teorias do jogo, suas funções e objetivos, até sua metodologia, construindo um verdadeiro manual com teoria e propostas didáticas que podem ser utilizadas para motivar o ensino e a aprendizagem de matemática. Oliveira (2001, p. 69) ressalta ainda que “Malba Tahan deixou, em sua época, um marco de perseverança, esperança, sabedoria, experiência e resistência, que hoje, direta ou indiretamente, reflete-se na Educação Matemática Brasileira, através da leitura e análise de temas abordados na obra Didática da Matemática”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

N.H.: O senhor se considera um matemático, um contador de histórias, um professor ou um escritor?

M.T.: Como escritor, eu sou um grande matemático e como matemático eu sou um grande escritor. Quer dizer, eu não sou nem uma coisa nem outra. Eu, como matemático, sou um grande escritor. Mas, o que eu considero mais é a que eu vim, Naomin, é escrever, mas escrever sobre assuntos matemáticos. Uma mistura da literatura com a matemática.

Deste depoimento de Malba Tahan em resposta a Naomin Haissen

---

14 XXII: O Jogo – O Jogo e a Criança – As teorias do Jogo; XXIII: Funções Secundárias do Jogo de Classe – O Jogo e o Trabalho – Objetivos morais ou jogo de Classe – O Jogo de Classe e suas finalidades didáticas; XXIV: O Jogo de Classe em Matemática; XXV: A metodologia do Jogo de Classe em Matemática (Bate-bola, Perdi o bonde, Roda Gigante, Apague o quadro); XXVI: Recreações Matemáticas (Produtos Curiosos, Números e Expressões Palíndromas, Numero por extenso, Somando algarismos, Malabarismos numéricos, Quem inventou o milhão, Advinhação, Cubos singulares, Regra dos sinais, Problema dos pés e cabeças, Multiplicação delicada, Curiosidade aritmética, Quadrados mágicos, A conta esquisita, O número 1089, Passando a fronteira, Quatro é igual a cinco).

durante a entrevista ao Museu da Imagem e do Som<sup>15</sup>; das histórias e memórias de sua infância e juventude e, também, da análise de práticas inovadoras de ensino contidas na obra *Didática da Matemática*, podemos considerar que em nome do ensino de matemática, o Prof<sup>o</sup> Mello e Souza transvestiu-se do escritor árabe Malba Tahan, publicou histórias para ensinar matemática e ensinou matemática contando histórias.

Dos tópicos apreciados de sua *Didática da Matemática* - história da matemática, laboratório de ensino, resolução de problemas, jogos, brincadeiras e recreações matemáticas, Malba Tahan revela-nos o locus de um escritor/professor que acreditava que a matemática é uma ciência que deveria ser 'reamanhecida' pela simplicidade e beleza e abordada em sala de aula com um propósito mais nobre do que a simples transmissão de conteúdos, acumulados ao longo da História da Matemática e completamente desarticulados da realidade dos alunos.

Considero que destas concepções de vanguarda, em plena década de 1960, derivam toda a genialidade e atualidade da proposta pedagógica de Malba Tahan. Esse ponto de vista foi endossado por Sérgio Lorenzato (1995, p. 97), que, como ex-aluno de Malba Tahan na CADES (São Carlos, 1958), declara: "Malba Tahan ensinava Matemática com arte, conhecimento e sabedoria, propunha novas alternativas para melhorar o ensino-aprendizagem de matemática", e também por Marcos Masetto: "Não sei se houve uma geração de professores que dava aula de forma tão criativa. O Malba Tahan foi a exceção" (apud Faria, 2004, p. 72).

O diálogo com fontes privilegiadas me estimularam a apoiar o pensamento de Meidani (1997, p. 89) ao considerar "a urgência do resgate da obra de Malba Tahan, pois nela residem possibilidades concretas de reconciliação e mesmo de vivo entusiasmo para com a Matemática".

Diante da história de vida deste menino de Queluz e do legado deste homem dos números e das letras, afirmo que a *Didática da Matemática* deve ser resgatada, reeditada e trazida à luz da Educação Matemática hoje. Quem sabe outra obra de Malba Tahan fique "salva das vassouradas do tempo", como a maior expressão de vanguarda de práticas inovadoras de ensinar matemática no cenário da educação brasileira.

---

15 O Depoimento de Malba Tahan ao Museu da Imagem e do Som foi concedido em 25/4/1973, 14 meses antes de seu falecimento no Recife em 18/6/1974.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES, T; GAERTNER, R. Educação e Memória: inventário das obras publicadas na área de matemática pela campanha de aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário (CADES). **Revista Dynamis** (out-dez/2007). Nº 13. Vol. I. pp. 21-28

DANTE, L. R. **Formulação e Resolução de Problemas de Matemática**. São Paulo, Ática, 2009.

FARIA, J. C. **A Prática Educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan**: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda. 2004. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UMESP, São Bernardo do Campo - SP.

LORENZATO, S. Um (Re)Encontro com Malba Tahan. **Zetetikè**. Ano 3. Nº 4/1995. pp. 95-102.

MEIDANI, H. **Malba Tahan**: Matemática, Literatura e Educação. 1997. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da USP, São Paulo - SP.

OLIVEIRA, C. C. **Do menino "Julinho" à "Malba Tahan"**: uma viagem pelo oásis da ensino da Matemática. 2001. Dissertação (Mestrado em educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro - SP.

OLIVEIRA, C. C. **A Sombra do Arco-íris**: um estudo histórico/mitocrítico do discurso pedagógico de Malba Tahan. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo - SP.

POLYA, G. **A Arte de Resolver Problemas**. Rio de Janeiro, Interciência, 1980.

SIQUEIRA FILHO, M. G. **Ali lezis Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan**: episódios do nascimento e manutenção de um autor-personagem. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas - SP.

SOUZA, J. B. M. **Meninos de Queluz**. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1948.

SOUZA, J. B. M. **Histórias do Rio Paraíba**. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1949.

TAHAN, M. **Didática da Matemática**. São Paulo, Saraiva, 1961. v. 1.

TAHAN, M. **Didática da Matemática**. São Paulo, Saraiva, 1962. v. 2.

TAHAN, M. **Acordaram-me de Madrugada**: recordações de antigo alu-

no do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1973.

TAHAN, M. **Lendas do Oásis**. Rio de Janeiro, Record, 1999.